



Luiz Pedro San Gil Jutuca
Reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Evelyn Goyannes Dill Orrico
Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Claudia Alessandra Fortes Aiub
Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Ivan Coelho de Sá
Decano do Centro de Ciências Humanas e Sociais

Tereza Cristina Moletta Scheiner
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Elizabete de Castro Mendonça
Diretora da Escola de Museologia

Grupo de Pesquisa Memória e Preservação da Museologia no Brasil

Líder

Ivan Coelho de Sá

Pesquisadores

Anna Laudicea Itaborai Echernacht
Gustavo Oliveira Tostes
Henrique Vasconcelos Cruz Ribeiro
Luana da Conceição Martins
Natália Figueirêdo Biserra
Raquel Villagran Reimão Mello Seoane
Saulo Moreno Rocha

Estudantes

Arabelle Siqueira Chafin
Diego de Oliveira Araújo
Dominic Zaira Pimentel de Carvalho
Isaura Paiva de Sá
Juliana Gomes Novaes dos Santos
Laís Barroso Perry
Poliana Martins Santos

APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 2015, o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil comemorou sua primeira década de funcionamento. Na oportunidade, além de fazer um balanço das atividades realizadas até o momento, pretendemos gerar espaços de reflexão, tanto no sentido de aprofundar os trabalhos em andamento, como de instigar novos questionamentos e a criatividade de nossos pesquisadores, dos alunos da Escola de Museologia, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS / UNIRIO / MAST e dos demais interessados no estudo da História da Museologia no Brasil.

É com este espírito de celebração que convidamos a todos para refletir e discutir sobre alguns pontos fundamentais de interface com as coleções do NUMMUS.

A programação está dividida entre **conferências** e **mesas redondas** especiais, que serão realizadas por conhecidos pesquisadores dos temas a serem discutidos, bem como de **debates** acerca dos principais temas que os pesquisadores do NUMMUS, em nível de mestrado e doutorado, têm trabalhado ao longo destes dez anos.

Aproveitaremos a oportunidade para prestar merecida homenagem a um museólogo multifacetado: Clóvis Bornay.

Desde já, agradecemos a todos os conferencistas, palestrantes, mediadores e todos os participantes do Seminário, esperando que estes quatro dias possam ser bastante produtivos e enriquecedores para todos.

Sejam bem-vindos!

Ivan Coelho de Sá
Coordenador do NUMMUS

14:00h - Mesa de Abertura

Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca - Reitor da UNIRIO

Prof.^a Dr.^a Evelyn Orrico - Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof.^a Dr.^a Claudia - Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá - Decano do Centro de Ciências Humanas e Sociais

Prof.^a Dr.^a Tereza Scheiner - Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Prof.^a Dr.^a Elizabete de Castro Mendonça - Diretora da Escola de Museologia

14:30 - Fala de Abertura - **Retrospectiva NUMMUS 10 anos** - Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá, Decano do CCH e Coordenador do NUMMUS

15:00 - Conferência de Abertura: **De acervo à instituição de um programa de História Oral: a experiência no AGCRJ.**

Pesquisadora Convidada: Prof.^a Dr.^a Beatriz Kushnir, Diretora-Geral do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Mediação: Prof.^a Dr.^a Regina Abreu

Resumo: A metodologia conhecida como história oral é cada vez mais adotada em pesquisas que buscam uma abordagem política. O interessante é que, nesse método, o historiador é capaz de gerar sua própria fonte através do contato direto com o entrevistado, que lhe possibilita acessar as emoções deste indivíduo, tendo uma perspectiva que nenhum outro método lhe proporcionaria. Neste sentido, a sua utilização é tão importante quanto a dos documentos “oficiais”, que também devem ser confrontados com outras fontes e teorias para que seja possível compreender acontecimentos passados. Por esta razão, uma instituição como o AGCRJ tem obrigação de pensar projetos de história oral que digam respeito à cidade do Rio de

Janeiro e complementem o seu acervo, auxiliando tanto a pesquisa interna, quanto a externa.

Palavras-chave: história oral, pesquisa, arquivo, Rio de Janeiro, AGCRJ.

16:00 – NUMMUS em Debate 01: **Conceitos e Práticas de Políticas Públicas para Museus**. Mediação: Prof. Dr. Bruno Brulon (UNIRIO)
Os primeiros congressos nacionais de museus no Brasil e sua importância para o desenvolvimento de uma política nacional museal.
Daniel Campelo de Oliveira (mestrando PPGHIS / UNIRIO)

Resumo: O objetivo deste trabalho é fazer uma análise específica nos três primeiros congressos nacionais de museus, realizados entre os anos de 1954 e 1963, nas cidades de Ouro Preto - MG, São Paulo - SP e Salvador – BA, identificando os atores sociais envolvidos, tais como museólogos e demais profissionais responsáveis pela organização e funcionamento dos museus que participaram dos encontros; além de destacar os principais temas abordados nas discussões. Em um momento em que os museus brasileiros buscavam se alinhar as intencionalidades de investimentos do Governo, os sujeitos envolvidos nestes encontros se destacaram pela organização inédita neste sentido no país. Ao dar luz a estes congressos pretendemos vislumbrar sua importância perante aos rumos que os museus e a museologia tomaram a partir de sua realização. Acervos, tais como do arquivo do NUMMUS, vem contribuindo de forma imprescindível para que o levantamento de fontes primárias aconteça de uma forma ampla, uma vez que nos deparamos com uma grande escassez de material sobre estes eventos destacados.

Palavras-chaves: política de museus; congressos nacionais de museus; museologia; museu

Constituindo autonomias: a experiência do Departamento de Museologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

Manoela Edna de Lima (mestranda PPG-PMUS); Prof.^a Dr.^a Tereza Scheiner

Localizado na cidade do Recife, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) viabilizou a experiência de um Departamento de Museologia, que foi capaz de determinar autonomias para a Museologia nas Regiões Nordeste e Norte do Brasil, a partir da década de 1970. Detendo o interesse de desenvolver uma “consciência museológica brasileira”, contou com a disposição de profissionais como Maria Regina Batista e Aécio de Oliveira, através de ações culturais e de formação profissional para museus. A análise da conjuntura, que caracteriza a implantação e a ascendência do Departamento de Museologia do IJNPS, compreende o desenvolvimento da Política Nacional de Cultura, promovida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), como um elemento determinante para a realização de ações emblemáticas para a Museologia nacional, como a produção do Encontro Nacional de Dirigentes de Museus e a posterior publicação dos Subsídios para a Implantação de uma Política Museológica Brasileira. A caracterização do Departamento de Museologia busca sugerir a qualificação de uma experiência coletiva, agregando complexidades ao campo museológico no Brasil.

Palavras-chave: Departamento de Museologia; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Políticas Culturais; Política Museológica Brasileira.

DE ESTAÇÃO DE MUDA A MUSEU: o surgimento do Museu Rodoviário de Paraibuna e a formação da coleção museológica

Zenilda Ferreira Brasil (museóloga FCRB); Prof. Dr. Marcio Ferreira Rangel

Resumo: A pesquisa analisa o surgimento do Museu Rodoviário de Paraibuna e o processo de formação da coleção museológica. Único com essa temática no país, localizado no município de Comendador Levy Gasparian, Distrito de Monte Serrat (RJ), se encontra instalado na 8ª “Estação de Muda” de cavalos denominada Paraibuna, remanescente das doze estações construídas, na Estrada União e Indústria no século XIX. Sua

instalação serviu como parada na Estrada para substituição dos cavalos das diligências e descanso dos passageiros nas viagens entre Petrópolis (RJ) e Juiz de Fora (MG). Idealizadas por Mariano Procópio Ferreira Lage, a Estrada e as Estações foram construídas pela Companhia União e Indústria. Adquirido em 1950 pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem para ser transformado em museu, tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1967 e aberto ao público em 1972. Os objetos musealizados narram a trajetória dos primeiros caminhos e estradas, dos transportes e meios de locomoção terrestres no país. O acervo consta de objetos da área da Ciência e Tecnologia (C&T) na sua maioria das Engenharias Civil e dos Transportes. Na construção de nossa pesquisa utilizamos diversas fontes do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS).

Palavras-chave: museu; coleção; objetos de C&T.

18:00 – Conferência: **A preservação da memória cultural: desafios necessários, possíveis e impossíveis.**

Pesquisadora Convidada: Lygia Guimarães (IPHAN)

Mediação: Prof.^a Junia Guimarães

Resumo: É atribuída a São Francisco de Assis a frase: primeiro deve ser feito o necessário; em seguida, o possível e por último [talvez] o impossível. Como estas palavras “santas” podem nos ajudar na preservação da memória cultural? Elas nos indicam que existe uma hierarquia nas tomadas de decisão. Sendo assim, somente a partir de um planejamento de ações, possíveis de execução, poderemos empreender a difícil tarefa de prolongar a vida útil dos nossos acervos/coleções, nas melhores condições possíveis. Este desafio vai demandar a atuação de todos os agentes envolvidos: a comunidade, profissionais da área e o Estado. A comunidade é a principal interessada e deveria ser a verdadeira responsável e guardiã de seus valores culturais, e tanto quanto possível, decidir sobre a proteção dos bens culturais e a sua destinação, no exercício pleno da sua autonomia e cidadania. Os profissionais devem se empenhar e estarem preparados

tecnicamente para propor e supervisionar e executar atividades que venham corroborar em todas as estancias da preservação dos objetos que representem a memória cultural. O Estado, por sua vez, deve cumprir a legislação vigente para preservar e proteger o patrimônio histórico e artístico nacional, Neste contexto, questões importantes devem ser levantadas e obrigatoriamente respondidas para que efetivamente as políticas públicas de preservação de acervos, que representam a memória do povo brasileiro possam abranger a sua globalidade. Elas seriam: Porque preservar? O que preservar? Para quem preservar? Como preservar? Sabemos preservar? As respostas a estas perguntas são os grandes desafios a serem enfrentados por todos nós envolvidos na preservação da memória cultural brasileira.
Palavras-chave: museu; coleção; objetos de C&T.

19:00 – NUMMUS em Debate 02: **Museus, Museologia e Políticas de Preservação.**

Mediação: Prof.^a Dr.^a Elizabete Mendonça (UNIRIO)

MUSEOLOGIA E PRESERVAÇÃO: tópicos e reflexões sobre a História da Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis no Brasil

Dr. Aloisio Nunes Castro (Museu de Arte Murilo Mendes / UFJF)

Resumo: Na lente sociológica de Pierre Bourdieu, podemos vislumbrar caminhos interpretativos que conferem grande ênfase ao conhecimento das bases históricas e conceituais sob as quais os agentes sociais se posicionaram e se posicionam em relação aos princípios da preservação do patrimônio cultural. A partir de tal dimensão analítica, esta comunicação apresenta, numa perspectiva sócio-histórica, um exame reflexivo acerca das práticas e narrativas demarcadas na construção do pensamento preservacionista brasileiro, tendo como referência o corpus documental alocado no Núcleo de Memória da Museologia – NUMMUS da Escola de Museologia da UNIRIO. O conjunto de fontes primárias composto por fotografias, ofícios, cartas, telegramas, relatórios institucionais, estatutos das instituições museológicas, fichas técnicas de intervenção de restauro,

caderno de anotações de aula, trabalho monográfico e publicações no Diário Oficial constituiu-se em recurso privilegiado para a análise dos contextos históricos, a atuação dos atores sociais, os marcos teóricos, os paradigmas, as influências internacionais e as políticas sociais concernentes à inter-relação da Museologia e Preservação, no âmbito dos museus da Administração Pública Brasileira. Esta apresentação pretende, ainda, ser uma contribuição à historiografia, notadamente à História da Conservação-Restauração de Bens Culturais no Brasil, a partir dos campos estruturais da História Cultural e História da Ciência.

Palavras chave: Museologia; Preservação; Conservação-Restauração; Narrativas; Práticas e Historiografia.

O ensino de Preservação-Conservação no Curso de Museologia da UNIRIO - de 1932 à 2008

Luana Martins Conceição (mestranda PPG-PMUS); Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Análise da inter-relação entre a Preservação-Conservação de Bens Culturais e a Museologia, a partir da formação do profissional museólogo no Curso de Museologia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Partindo do estudo de sua primeira Matriz Curricular, implantada com a criação do Curso em 1932, no âmbito do Museu Histórico Nacional, até sua última reforma curricular em 2008, já na UNIRIO. O ensino dos conteúdos de Preservação-Conservação em disciplinas como Técnica de Museus, de 1932 até os anos 70 e, a partir de então, em disciplinas de museografia, até a primeira aparição dos termos Conservação e Preservação em denominações de disciplinas, durante a década de 80. Destacando, nesta década também, a introdução do ensino prático de Conservação Preventiva no Curso, a partir da implantação da Oficina de Preservação e Conservação de Acervos Museológicos (OPCAM), pela Prof.^a Violeta Cheniaux e, posteriormente, Núcleo de Preservação e Conservação de Bens Culturais, atual NUPRECON VIOLETA CHENIAUX,

primeiro laboratório no país voltado especificamente para o estudo da Conservação Preventiva.

Palavras-chave: Museologia; preservação-conservação; memória da museologia

14:00 - Mesa Redonda Especial: **Museus, Museologia, Comunicação e Imagem**

Mediação: Prof.^a Dr.^a Tereza Scheiner.

Público ou privado? O desafio do direito autoral e do direito de imagem no mundo contemporâneo,

Ana Cristina Leo Barcellos (Museóloga; Dannemann Advogados)

Resumo: A prática da liberação de direitos autorais e de personalidade já é comum quando se fala da indústria do entretenimento. Produções cinematográficas e teatrais, vídeos publicitários e o mercado editorial discutem contratos, alguns deles com cifras estratosféricas, envolvendo a aquisição ou licença desses direitos. Herdeiros brigam por suas parcelas de direitos (leia-se, dinheiro). O outro lado argumenta pela livre expressão. Já no campo dos museus, as disputas são mais raras e envolvem negociações bem mais modestas. Na legislação brasileira atual, não há qualquer exceção que garanta aos museus um uso diferenciado de obras passíveis de proteção por direito de autor e de personalidade. Contudo, há muitos itens de acervos que podem ter seu uso liberado pelo instrumento do domínio público, no que diz respeito ao direito de autor, por exemplo. E há casos em que os riscos de uso de uma imagem podem estar dentro de limites aceitáveis. É preciso que os museus e também os detentores de coleções adaptem sua catalogação e pesquisa, orientando-as para a gestão de direitos. A presente conferência buscará apresentar os dados básicos necessários ao trabalho de pesquisa e documentação de acervos museológicos, visando à gestão de direitos.

Palavras-chave: Direitos autorais; direitos de personalidade; coleções; acervos museológicos.

Imagens que contam histórias: objetos do olhar

Prof. Dr. Paulo Knauss (UFF; diretor do Museu Histórico Nacional)

Resumo: A reflexão tem como intenção discutir a presença dos registros visuais em museus, explorando o acervo do Museu Histórico Nacional. O ponto de partida será a discussão sobre a natureza dos registros visuais nos museus, considerando que no contexto de exposições todos as peças se constituem em objetos de olhar, tendo a vitrine como paradigma de referência. A constituição dos objetos do olhar resulta do processo de deslocamento de peças de seu contexto de origem definido pelo valor de uso, para se redefinirem como peças de acervo de museus para serem conservadas e servirem ao conhecimento. Nesse sentido, quase tudo nos museus pode ser definido como registro visual, indo além das imagens em sentido restrito que têm o desenho, estampas, pinturas e fotografias como referência usual. De modo geral, pode-se considerar que um dos desafios dos museus históricos é desnaturalizar o olhar que define o próprio sentido dos museus.

Palavras-chave: cultura visual; história da imagem; história de exposições

16:30 - Exibição do documentário inédito **Entre o museu e a fantasia: um tributo a Clóvis Bornay**, produzido pelos pesquisadores do NUMMUS.

Sinopse: Clóvis Bornay sempre foi conhecido por seu título de *hors concours* do carnaval carioca. No entanto, sua atuação como museólogo durante mais de 30 anos também faz jus a todas as honras. Neste documentário, procuramos abordar sobre suas origens e sua atuação profissional no campo dos museus e da museologia, sem perder o carisma e a criatividade, suas marcas registradas.

18:00 - Conferência: **A lei de acesso à informação e seus impactos na gestão de acervos.**

Pesquisador Convidado: Prof. Dr. José Maria Jardim (PPGARQ / UNIRIO)

Mediação: Prof. Dr. Anaildo Bernardo Baraçal

Resumo: São identificados e analisados aspectos relativos à implantação da Lei de Acesso à Informação Pública - LAI (Lei no 12.527, de 18 de novembro de 2011), considerando-se a sua regulamentação nos Poderes Executivos Federal, Estados e do Distrito Federal até dezembro de 2015. A natureza da informação arquivística, o seu uso social e a função dos arquivos no Estado contemporâneo são referências teóricas à análise. Os dispositivos legais regulamentadores da LAI são analisados em termos das suas categorias conceituais, especialmente do ponto de vista arquivístico. É também observada a presença/ausência das instituições arquivísticas nas diversas arquiteturas de gestão da LAI nos vários cenários de administrações públicas federal e estadual. Exceções à parte, as conexões entre as políticas públicas de acesso à informação e as políticas arquivísticas são ainda insuficientes. Conclui-se que o papel das instituições e serviços arquivísticos públicos é, na quase totalidade dos casos analisados, periférico ou inexistente nos processos de regulamentação da LAI. O tema apresenta-se de forma singular no que se refere também a acervos arquivísticos públicos e privados em bibliotecas, museus, centros de documentação, etc.

Palavras-chave: legislação; informação; gestão; acervos; arquivo

19:00 - NUMMUS em Debate 03: **Formação e Profissionalização do Museólogo no Brasil.**

Mediação: Prof.^a Dr.^a Neusa Fernandes

Campo museológico e políticas de preservação

Inês Gouveia (doutoranda PPG-PMUS); Prof.^a Dr.^a Priscila Faulhaber

Resumo: A partir da pesquisa de doutorado em curso, analisamos como as políticas de preservação foram tratadas no campo museológico brasileiro e para isso, tomamos como referência a atuação de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, entre os anos 1970 e 1990. Observando questões colocadas pela museóloga paulistana, debateremos também a respeito da política de Cultura dedicada aos museus hoje no Brasil.

Palavras-chave: museologia; museu; política; Waldisa Rússio; campo.

Termo / Conceito Museólogo: identificando e definindo sua atuação em coleções de artistas plásticos contemporâneos

Ludmila Leite Madeira da Costa (mestre PPG-PMUS; museóloga MAR); Prof.^a Dr.^a Diana Farjalla Correia Lima

Resumo: A dissertação de mestrado *Termo/Conceito Museólogo: Identificando e Definindo sua Atuação em Coleções de Artistas Plásticos Contemporâneos*, PPG-PMUS UNIRIO/MAST, orientada pela Prof.^a Dr.^a Diana Farjalla Correia Lima, teve por tema – nível teórico e prático – caracterizar a atividade do profissional da Museologia na gestão de Bens Culturais em áreas do conhecimento afins, e espaços de atuação diferentes de um museu. Entre os objetivos investigou-se, interpretou-se o contexto legal (profissão reconhecida por Lei Federal), normativo e prático (extratos nacional/internacional) visando delinear este perfil profissional. Realizou seu estudo de caso, sobretudo, usando de fontes primárias do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (UNIRIO): legislação, arquivos privados de Museólogos, documentos de instituições museológicas e, outros. Inicialmente se identificou a significação do termo no desenho técnico-conceitual de aplicação. A pesquisa, depois, de posse de tal caráter correlacionou-o ao quadro de atividades de 5 Museólogas, (incluindo a autora da dissertação) que atuaram em espaços não musealizados – ateliês de artistas plásticos contemporâneos brasileiros; no gerenciamento de suas coleções, permitindo reconhecer a capacitação especializada do profissional Museólogo para atuar em ambientes de variadas formas de representação cultural.

Palavras-chave: Museólogo; Coleções Visitáveis; Patrimônio Artístico, Coleção de Artes plásticas

O processo de regulamentação da profissão de Museólogo no Brasil

Natália de Figueirêdo Biserra (mestranda PPG-PMUS); Prof. Dr. Ivan Coelho

de Sá

Resumo: As primeiras iniciativas voltadas para a regulamentação da profissão de Museólogo, no Brasil, remontam ao início dos anos 60, quando foi elaborado no Museu Histórico Nacional um anteprojeto com aquele intento, assinado por Pimentel Winz, Conservador daquele museu. Em 1963, um “Memorial dos Conservadores” foi entregue ao Deputado Muniz Falcão (PSP/AL) por Pimentel Winz e ainda naquele ano, o Deputado Muniz Falcão apresentou no plenário da Câmara dos Deputados o primeiro Projeto de Lei para a regulamentação da profissão de museólogo, que foi arquivado em 1967. As associações de classe encamparam um *tour de force* para congregar os profissionais e para levar a cabo a regulamentação da profissão, sendo elaborados vários projetos com esse objetivo, sobretudo pela Associação Brasileira de Museologia e pela Associação Baiana de Museólogos. O tema regressou, em 1981, às pautas da Câmara dos Deputados, com os Projetos de Lei 4858/1981 do Deputado Octacílio Queiroz (PMDB/PB) e 5654/1981 do Deputado Álvaro Valle (PDS/RJ), cujo trâmite no Congresso Nacional conferiu a identidade jurídica e pública para o exercício da profissão de Museólogo com a sanção da Lei nº 7.287/1984 e do Decreto nº 91.775/1985, que regulamentam a profissão. Este trabalho apresenta brevemente algumas tensões e alguns caminhos percorridos pelos museólogos para obter a regulamentação de sua profissão, sobretudo por meio da atuação da ABM.

Palavras-Chave: Museólogo; Regulamentação de Profissão; Memória da Museologia no Brasil.

Espaço institucional e o saber-fazer museológico: processos de formação profissional

Priscila Arigoni Coelho (doutora PPGMS/UNIRIO; docente UFOP); Prof.^a Dr.^a Evelyn Goyannes Dill Orrico

Resumo: Esta pesquisa apresenta uma pequena retrospectiva do recorte temporal de 1932 a 1985 para apontar os atores envolvidos na criação do

campo e as condições de emergência dos três primeiros Cursos de Museologia no Brasil. Afinal, a organização da ação de institucionalização do campo ocorre por meio dos profissionais e das instituições. Desta forma, focalizaremos três marcos históricos, nos quais convergimos nossas análises para compreensão dos enunciados que compõem a memória discursiva produzida com base no recorte temporal proposto. O elo de ligação entre os marcos temporais dá-se em função dos sujeitos aptos a anunciarem pela instituição, Gustavo Barroso, Valentin Calderón e Waldisa Rússio, o que nos permite refletir sobre as instâncias de poder inerentes ao discurso institucional. Devemos ter em mente as características da institucionalização ao estabelecer as condições sócio-históricas que marcaram a trajetória de formação do campo e nortearam a produção do discurso, definindo o papel social dos sujeitos. Assim, as características políticas, sociais, econômicas e/ou culturais dos períodos que marcaram a trajetória dos museus, dos museólogos e da própria Museologia, contribuíram para seu desenvolvimento. Essas características não devem ser enfocadas de forma linear na medida em que buscamos traçar um painel com momento de gestação do pensamento museológico.

Palavras-chave: institucionalização; museologia, memória social, discurso.

14:00 - Conferência: **Biografias: entre a montagem do arquivo e a vertigem da narrativa**

Pesquisadora Convidativa: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Werneck, Diretora da Escola de Letras da UNIRIO

Mediação: Dr.^a Aline Montenegro, Chefe da Divisão de Pesquisa - MHN.

Resumo: A biografia, como gênero discursivo, será pensada a partir de operações imbricadas que dizem respeito ao trabalho de deslocamento de materiais de arquivo e ao fazer narrativo, incluindo-se, entre os dois agenciamentos, a construção do espaço biográfico (Arfuch), no qual subjetividades e historicidades se cruzam sob o signo da experiência. A partir de novas percepções do conceito de arquivo que o pensamento e a arte contemporâneos vem discutindo, coloca-se em questão a possibilidade de uma decifração unificadora do biografado, com o objetivo de forjar um perfil de forma conclusiva e admirável, em meio à descontinuidade de materiais (textos, fotografias, relatos etc) e em tensão com os gestos de montagem pelos quais se mostra a tomada de posição do biógrafo. O conceito de narrativa biográfica, pautado tradicionalmente pela ideia de enigma a ser decifrado, também sofre abalos, provocados não só por novos procedimentos da narração ficcional, mas também pelo impacto das modalidades da escrita de si (Foucault) e das práticas de relatar a si mesmo (Butler).

Palavras-chave: Biografia; campo biográfico; arquivo; narrativa; escritas de si.

15:00 - NUMMUS em Debate 04: **Memórias individuais e Arquétipos Femininos da Museologia.**

Mediação: Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Parreiras Horta.

Apontamentos sobre colecionismo e gênero: a coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional

Prof.^a Ana Cristina Audebert (UFOP), Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Partindo do pressuposto de que as relações de gênero são estruturantes das práticas sociais, a comunicação sinaliza alguns aspectos teóricos ligados à discussão de gênero, especificamente da mulher, voltados à temática “Memórias individuais e Arquétipos femininos da Museologia”. Discute algumas ideias que estão associadas tradicionalmente à cultura feminina e à militância feminista brasileira nas práticas culturais e profissionais, especificamente na área da Museologia. Apresenta alguns resultados parciais da pesquisa de nossa tese de doutorado que tem por objetivo o estudo do processo de institucionalização da coleção Sophia Jobim no Museu Histórico Nacional. Destaca alguns temas ligados diretamente à tese tais como colecionismo, profissão, maternidade, casamento, amor e velhice como aportes para pensar a condição feminina nos tempos de outrora e atuais.

Palavras-chave: Sophia Jobim; Museologia; Museu Histórico Nacional; Feminismo; Amor.

Maria Augusta Machado: uma museóloga especulativa – o ponto fora da curva.

Anna Laudicea Itaborai Echternacht (mestranda PPG-PMUS); Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Maria Augusta Machado graduou-se em 1947 pelo Curso de Museus, foi aluna dos professores pioneiros e tinha tudo para seguir uma carreira tradicional de conservador de museus. A partir de uma leitura da Coleção Maria Augusta Machado / NUMMUS, podemos observar que nossa protagonista desviou-se totalmente de um caminho ortodoxo após a emblemática excursão à Ouro Preto e a visita ao Terreiro de Candomblé Cobra Coral, no Morro da Rocinha (1945). Ao longo de seus 67 anos de atuação profissional, dedicou-se apaixonadamente às questões da cultura – no âmbito popular – em muitas camadas e perspectivas: cultura negra e sincretismo religioso no Brasil, culturas ameríndias, memorialismo urbano da

cidade do Rio de Janeiro e a biografia de Heitor Villa-Lôbos. No âmbito da Museologia, dedicou-se à interface com Educação, Arte e ao estudo do patrimônio integral e museus regionais. Neste sentido, tentaremos empreender nesta jornada biográfica suas motivações e as consequências de suas escolhas, tanto na perspectiva de sua própria carreira como museóloga como para o campo da Museologia no Brasil.

Palavras-chave: Maria Augusta Machado; museóloga; memória individual; biografia; cultura popular; religiosidade.

As “donas” da Museologia: Geralda Armond e seu tempo

Prof.^a Dr.^a Carina Martins (UERJ)

Resumo: O objetivo desta comunicação é analisar a trajetória de uma intelectual relegada ao ostracismo, mas que teve uma atuação relevante nos campos museológico e educativo brasileiro. Geralda Armond (1913-1980) foi diretora do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora- MG) e atuou intensamente na produção de exposições, rituais comemorativos, catálogos e ações educativas. O estudo de sua trajetória biográfica permite perscrutar relações de gênero e a construção do trabalho de memória no museu, bem como, por meio da noção de “projeto”, deslindar sua relação com a geração contemporânea à profissionalização da Museologia no Brasil. A gestão Armond foi marcada pela defesa da continuidade institucional e do enquadramento da memória do fundador e colecionador; pela luta pela sustentação material do Museu, inclusive com uma forte aproximação com a Ditadura civil- militar; e pela busca da profissionalização de quadros e do dinamismo das ações. A memória individual de Geralda Armond é pensada aqui como indício para compreensão de seu tempo e da rede de sociabilidade que a construía, o que só foi possível graças ao trabalho de pesquisa nos arquivos do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (UNIRIO). Para tal análise, serão utilizadas fontes diversas como jornais impressos, catálogos, livros, anotações pessoais, fotografias e entrevistas.

Palavras-chave: História da Museologia; gênero; Museu Mariano Procópio

18:00 - Conferência: **Arquivos Pessoais e caminhos de pesquisa.**
Pesquisadora Convidada: Prof.^a Dr.^a Luciana Heymann (CPDOC/FGV)
Mediação: Prof. Dr. Mario de Souza Chagas

Resumo: Há algumas décadas, os arquivos pessoais foram consagrados como fontes de pesquisa, o que fez aumentar seu valor simbólico e, conseqüentemente, sua presença em instituições dedicadas à preservação da memória de determinado período ou segmento social. Essa presença, tributária de uma temporalidade marcada pelo culto à memória, nem sempre é acompanhada de uma reflexão acerca das especificidades desse tipo arquivo, tanto por parte das instituições de guarda como dos próprios pesquisadores. A palestra buscará explorar tais especificidades, a fim de apontar caminhos de pesquisa que podem ser trilhados no contato com esses conjuntos documentais.

Palavras-chave: arquivos pessoais; fonte histórica; memória.

19:00 - NUMMUS em Debate 05: **Curso de Museus: alguns olhares e reflexões.**

Mediação: Prof. Cicero de Almeida

Investigações sobre o Curso de Museus a partir da História da Educação: itinerários possíveis

Prof.^a Ana Carolina Gelmini (UFRGS)

Resumo: O Curso de Museus, formação vinculada ao Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro, Brasil) no período de 1932 a 1977, visava formar profissionais especializados para o trabalho nos museus, traçando um perfil de diplomados muito singular. Reminiscências dessa história potencializam a interpretação de como o campo dos museus foi consolidado no país e, inclusive, como os agentes envolvidos na formação profissional estabeleceram diversas relações pela valorização dos museus em nível nacional e internacional. O Curso de Museus como objeto de estudo estimula a construção de pesquisas que articulem diferentes campos e vertentes do conhecimento. Um dos encontros possíveis, que precisa ser

amplamente aprofundado, é o exercício de reflexão acerca das múltiplas relações entre a História da Educação e a Museologia, tendo por enfoque a História da Museologia e dos Museus. Nesse caso o Curso de Museus torna-se elemento chave para a investigação de como era a dimensão formativa dos conservadores de museus no país e, conseqüentemente, como esses se tornaram multiplicadores de uma proposta educativa nos museus. Espaços de salvaguarda como o Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (Curso de Museologia/ UNIRIO) convidam para a construção de um mosaico desse itinerário, que ainda possui diferentes enfoques a serem revelados.

Palavras-chave: História da Museologia no Brasil; História dos Museus; História da Educação; Curso de Museus; Educação em Museus.

A criação do Museu Histórico Nacional e a proposta do Curso Técnico para arquivos, bibliotecas e museus (1922-1932).

Henrique Vasconcelos Cruz Ribeiro (mestre PPG-PMUS; museólogo FUNDAJ); Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Em agosto de 1922, foi publicado decreto criando o Museu Histórico Nacional, após anos de disputas para o seu surgimento. No mesmo constava o regulamento da nova instituição, onde era proposto o ensino de lições de classificação e administração de bibliotecas, mapotecas, arquivos, museus históricos e gabinetes de estampas e de moedas e medalhas, através de um Curso Técnico a ser promovido pelo Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional e o próprio Museu. A criação do Museu Histórico Nacional, suas origens e os motivos que levaram a sua proposição e ao fracasso do Curso Técnico serão analisados neste trabalho. A importância de seu estudo deve-se por ser considerado alicerce para a criação e implantação, dez anos depois, do Curso de Museus no Museu Histórico Nacional, primeiro local de ensino e do estudo sistemático da Museologia no Brasil. Caracterizamos as relações entre a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional e o Museu Histórico Nacional para indicar a natureza dos entraves presentes no processo de consolidação da ideia do

Curso Técnico e a influência sobre o Curso de Museus. Diante disso, investiu ainda na integração de novos protagonismos, tratando de trajetórias como a de Manoel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956), diretor da Biblioteca Nacional. Para o desenvolvimento da análise, foram utilizadas fontes primárias existentes nas três instituições responsáveis pelo Curso Técnico, bem como revisão da literatura sobre o assunto.

Palavras Chave: Museu Histórico Nacional; Biblioteca Nacional; Arquivo Nacional; Curso Técnico; Ciências Auxiliares da História.

A invenção das relíquias. Dispositivos de autoridade na musealização de objetos do Museu Histórico Nacional.

Dr. Rafael Zamorano (pesquisador MHN)

Resumo: Nesta pesquisa foram analisados dois dispositivos de autoridade mobilizados na musealização e na atribuição de autenticidade histórica de objetos das coleções do Museu Histórico Nacional (MHN), desde sua fundação, em 1922, até o ano de 2012: o dispositivo de autoridade do especialista; exercido pelos funcionários formados no Curso de Museus do MHN; e o dispositivo de autoridade do nome próprio, exercido pelo “homem ilustre”, cujo nome de família e reputação são elementos que certificam a autenticidade histórica de objetos. As mudanças ocorridas no campo museológico, a partir de 1970, indicam o surgimento de novas autoridades e de novos métodos de trabalho no âmbito da museologia, relegando a um segundo plano uma técnica de museus focada na classificação e na organização de objetos. O papel dos dispositivos de autoridade na formação e na gestão de uma coleção é, assim, um meio de compreender a própria racionalidade do campo museológico. No caso do MHN, mostramos como a autoridade do nome próprio e a do especialista são os dispositivos que constroem, há 90 anos, o discurso museográfico da instituição.

Palavras-chave: Objeto histórico; Autoridade; Museu Histórico Nacional; Museologia.

Temáticas Afro-brasileiras na Museologia: uma trajetória a partir do Curso de Museus

Saulo Moreno Rocha (mestrando PPG-PMUS); Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Como o campo da Museologia, em seu processo de constituição no Brasil, incorporou dimensões da história, cultura e memória afro-brasileira? A partir deste questionamento e como desdobramento de minha pesquisa de conclusão de curso, a presente comunicação se propõe a abordar as modalidades pelas quais as/os museólogas/os lançaram olhares sobre estas dimensões da vida social brasileira. Nesse sentido, o Curso de Museus assume papel central nas análises propostas, visto que além de se constituir em instância pioneira de formulação da Museologia no país, por décadas forneceu um modelo de produção de conhecimento a partir do ensino organizado e irradiado no Museu Histórico Nacional. Não ambicionando oferecer respostas conclusivas à pergunta inicial, proponho apontar para um mapeamento parcial e ainda em andamento, fértil em possibilidades de investigação sobre as temáticas afro-brasileiras e de suas presenças e ausências no campo museológico brasileiro.

Temáticas Afro-brasileiras; Museologia; Curso de Museus

14:00 - Mesa Redonda Especial

Mediação: Prof. Dr. Marcio Rangel

Memória Institucional: (re) contextualizando um conceito

Prof.^a Dr.^a Icleia Thiesen (PPGMS / UNIRIO)

Resumo: A memória, no âmbito das instituições, têm características singulares que refletem um conjunto de variáveis, como suas trajetórias, atores e temporalidades. Os estudos da memória institucional, de uma forma geral, tendem a evidenciar aspectos emblemáticos, cronológicos, comemorativos, míticos, ocultando os embates, as diferenciações, os conflitos que atravessam essas formações sociais. Problematizar seus processos de formação, sua natureza, os diferentes contextos de sua atuação, assim como seu papel na sociedade poderá constituir um caminho para identificar a singularidade da instituição em foco. A Memória Institucional é um conceito que nos remete sempre a um problema a ser formulado e resolvido no âmbito da pesquisa. O presente trabalho tem por objetivo discutir aspectos teórico-metodológicos que envolvem os estudos da Memória Institucional, (re) contextualizando o conceito à luz da experiência acumulada na pesquisa ao longo do tempo.

Palavras-chave: memória institucional; representação.

Campo da Museologia: os museus como espaço privilegiado de fontes primárias para pesquisa

Prof.^a Dr.^a Diana Farjalla Correia Lima (DEPM / PPG-PMUS / UNIRIO-MAST)

Resumo: O campo da Museologia, Área de Conhecimento (CNPq), formaliza-se como domínio cuja imagem que o distingue é a forma cultural Museu. Entre elementos teóricos e práticos integrantes de um campo do conhecimento está presente a pesquisa em todas as fases, até tornar-se

pública pela disseminação da informação. Nos museus e entidades afins, neste percurso, existe uma peculiaridade que alcança caráter relevante no processo de pesquisar e referente às fontes de consulta. Isto é, a investigação se baseia, fundamentalmente, em fontes primárias representadas por coleções, territórios, seres vivos, e novos formatos gerados pelas TICs. E as fontes estão ligadas, por exemplo, a: investigação no local ou via internet com consulta aos variados repositórios temáticos; exibição em exposições presenciais e virtuais; edições em formatos textuais e de imagem e som E na comemoração de 10 anos do NUMMUS, UNIRIO, deve-se de saudar este projeto que reúne a história do campo da Museologia no Brasil por meio, principalmente, de documentos primários. Composto pelas coleções dos profissionais pioneiros e seus estudos no domínio, o conjunto documental descortina sendas para pesquisas, em especial, quando desenvolvidas pelos Museus, Institutos de Pesquisa, e Academia (cursos de mestrado, doutorado) que representam os agentes da área.

Palavras-chave: museologia; pesquisa em museu; fonte primária.

16:00 - NUMMUS em Debate 05: Do museu à universidade: a trajetória institucional do Curso de Museus

Mediação: Prof.^a Dr.^a Helena Cunha de Uzeda

Transformações conceituais do Curso de Museus do MHN / Curso de Museologia da UNIRIO na década de 1970.

Gustavo Oliveira Tostes (mestrando PPG-PMUS); Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Durante a década de 1970 o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, atual Escola de Museologia da UNIRIO, realiza importantes mudanças em sua estrutura curricular e em seus paradigmas teórico-conceituais visando atender às novas exigências do Ministério da Educação e Cultura, que estabeleceu as diretrizes curriculares para a formação em

Museologia no Brasil. Por outro lado, estas mudanças visam a atualização da formação em Museologia aos novos paradigmas do campo. No decorrer desta década foram realizadas oito alterações ou reformas curriculares, que atualizaram o Curso de Museus / Curso de Museologia com as mudanças promovidas no cenário internacional. Estas mudanças tinham como epicentro as discussões promovidas pelo ICOM, que, neste momento, volta seus olhos para os debates e estudos que entendem o campo da Museologia como sistema de pensamento, não mais o museu instituição como seu objeto. Paralelamente a este processo, nesta década ocorrerá um longo processo de negociações do Curso de Museus visando sua transferência para uma universidade. O presente estudo tem como finalidade apresentar os primeiros resultados desta pesquisa que provocaram mudanças de base no Curso de Museologia no decorrer da década de 1970.

Palavras-chave: Memória da Museologia; Curso de Museus; Curso de Museologia; Ensino em Museologia; Década de 1970.

Do Museu à Museologia: trajetória de constituição de uma disciplina científica no campo universitário – o caso do Curso de Museus do MHN/Curso de Museologia da UNIRIO

Luciana Carvalho (doutoranda PPG-PMUS); Prof.^a Dr.^a Tereza Scheiner

Resumo: Para Bourdieu, o campo universitário é autônomo do campo intelectual, do campo cultural, e também do campo científico, configurando-se como um lugar de disputa de posições e classificações, assim como qualquer outro campo; nele, o que está em jogo são condições e critérios de pertencimento exclusivos desse campo. Considerando tal premissa, nossa pesquisa tem se debruçado, como estudo de caso, sobre a transferência e consequente reformulação do nome “Curso de Museus” do MHN para “Curso de Museologia” da FEFIERJ/UNIRIO, que por sua vez não se trata apenas de uma simples nomeação ou mudança de instituição – mas uma forma como uma disciplina se desenvolveu e foi alterada para fazer parte do campo universitário. Assim, o objetivo do trabalho aqui apresentado é, a

partir das contribuições de Bourdieu e de pesquisas em fontes primárias localizadas no NUMMUS, apontar investigações preliminares sobre o período de transição e mudança dos nomes e sua ligação direta com a constituição de uma disciplina que almejou ser científica, a inserir-se no campo universitário.

Palavras-chave: Museu; Museologia; Disciplina; Campo Universitário.

A Reforma de 1944 como reflexo da política nacionalista: O Curso de Museus - MHN e a atuação profissional de seus egressos na Era Vargas.

Raquel Villagran Seoane (mestre PPG-PMUS); Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

Resumo: Na primeira década de sua criação, o Curso de Museus do MHN, criado em 1932, procura estabelecer e consolidar suas metas de ensino e formação. Neste período, é verificado um amadurecimento do Curso materializado na primeira grande Reforma Curricular de 1944. Esta reforma promove medidas administrativas com a finalidade de sintonizar o Curso com as transformações do campo educativo e cultural brasileiro. Implantada em 1945, a nova matriz curricular permanece incólume até 1966, quando ocorre outra reforma, mantendo praticamente as mesmas disposições tomadas em 1944. Esta primeira grande reforma, bem como as implicações que incidiram sobre as transformações no conceito, estrutura, duração e gestão do Curso de Museus, são verificadas não apenas como reflexo de seu principal mentor, Gustavo Barroso, mas também como um produto perfeitamente sintonizado ao contexto da Era Vargas, tendo como mote principal o nacionalismo. Voltando aos primeiros anos da década de 1930, mais exatamente ao início do governo de Vargas, analisamos as mudanças administrativas promovidas pelo presidente e sua repercussão na estrutura curricular do Curso de Museus e na atuação dos conservadores de museus face ao “mercado de trabalho” que se delineava nas décadas de 1930 e 1940.

Palavras-chave: Curso de Museus; História da Museologia; Reforma Curricular; Política Cultural; Nacionalismo

17:30 - Encerramento - Prof. Dr. Ivan Coelho de Sá

18:00 - Confraternização